

# Flora Brasil Hora de entendimento 12 JUN 1991

Era forte, até algumas semanas atrás, a expectativa de que, empurrada por reajustes preventivos como os que liquidaram os congelamentos anteriores, a inflação voltaria, já em maio, para o nível de dois dígitos. Felizmente, não foi o que ocorreu.

A inflação medida pela Fipe-USP ficou em 5,76%, abaixo dos 7,19% de abril. É a menor variação desde agosto de 1987, quando estava em vigor o Plano Bresser. Além do mais, o índice da Fipe confirma uma queda contínua desde janeiro, fato que não se observava desde o período janeiro-maio de 1960. Também o índice da Fundação Getúlio Vargas, o mais tradicional indicador da inflação brasileira, caiu em maio, com 6,53%, contra 8,74% em abril.

Deve-se ressaltar que esses resultados incluem apenas uma pequena parte dos efeitos dos aumentos autorizados nos últimos dias pelo governo. O impacto maior será sentido no índice de junho, o que leva os economistas da Fipe a preverem que a inflação deste mês ficará cerca de quatro pontos percentuais acima da de maio. Isso quer dizer que, se não voltar aos dois dígitos, a inflação estará muito próxima deles.

Essa previsão de alta deverá ser absorvida com naturalidade, pois, com a posse do diplomata Marcílio Marques Moreira no Ministério da Economia, desfez-se o clima de tensão em que viviam empresários e trabalhadores, e que alimentava as expectativas mais pessimistas com relação ao comportamento dos principais indicadores da economia. A demissão da professora Zélia Cardoso de Mello — que insistia em ameaçar aqueles que, entre os agentes econômicos, acusava de responsáveis por uma inflação que, na verdade, nasce no governo — seguiram-se indicações de que a brutal recessão econômica imposta por sua equipe estava chegando ao fim.

Ainda ontem os jornais mostravam que, em maio, o nível de emprego na indústria paulista apresentou o primeiro resultado positivo desde outubro. No mês passado, o consumo de energia elétrica, um dos principais indicadores da atividade industrial, cresceu 21,7% em relação a abril e 36,9% em relação a maio do ano passado na área atendida pela Cesp. Em consequência do aumento da atividade econômica, o governo de São Paulo viu subir a arrecadação do ICMS. Para o presidente da Fiesp, Mário Amato, a recuperação da indústria paulista não é episódica. “O crescimento é sustentado e veio para ficar”, diz Amato, prevendo que, neste ano, se o PIB não crescer, ainda que ligeiramente, não deverá cair.

A instabilidade da situação — seja quanto ao comportamento dos preços seja quanto às contas públicas, como temos mostrado em nossos editoriais — ainda exige que empresários, trabalhadores e membros do governo ajam com cautela, para que a inflação não recrudesça e a reativação da produção se acentue. Há um clima favorável para que se recomece a discutir seriamente um entendimento que chame à responsabilidade todos os agentes econômicos e abra o caminho pelo qual possamos sair organizadamente da crise.

O caminho existe. Ele já está sendo trilhado por países que, há algum tempo, estavam em situação muito pior do que a do Brasil, mas abandonaram as mesmas políticas e idéias erradas que continuam prevalecendo entre nós. São países como o México, o Chile e a Venezuela, que combateram o gigantismo estatal, renegociaram suas dívidas externas, abriram-se à economia mundial e, com a inflação sob controle, voltaram a crescer em ritmo altamente satisfatório. São esses exemplos que nos dão otimismo com relação ao futuro.